

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 1\$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 1\$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS 570) RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 2\$000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

Renovando n'este lugar o pedido que fazemos em circular dirigida a diversos cavalheiros, esperamos dever-lhe o reconhecimento de terem na maxima attenção o conteúdo da mesma circular.

AVEIRO

O CASAMENTO DO PRINCIPE

No momento em que escrevemos estas linhas está-se talvez realisando em Lisboa o consorcio de sua alteza o principe real com a sr.ª D. Maria Amelia d'Orleans. O que nós pensamos a este respeito é sabido. O nosso correspondente em Lisboa tem-se desenvolvido largamente no assumpto e o nosso jornal é dos poucos, ou o unico nas fileiras democraticas, que não publica senão o que obedece á sua maneira de ver e proceder. O que pensa um correspondente, o que pensa um articulista, é o que pensamos nós todos, quando esses pensamentos não vão na secção destinada ás responsabilidades individuais. Escusavamos, portanto, de acrescentar cousa alguma ao que está dito, porque temos dito bastante. Todavia, como é costume na imprensa portugueza consagrar os assumptos de maior valia ao artigo de fundo do estylo, accentuaremos aqui melhor as nossas opiniões sobre o acontecimento que domina o paiz inteiro n'este instante.

Dadas as actuaes instituições monarchicas, acciteis ainda incontestavelmente pela maioria do paiz, é natural a representação que se dá ao filho do rei e naturaes as festas com que se pretende solemnizar um successo importante na vida das instituições. Não admittindo nós a monarchia como principio ou instituição, está claro que não sympathisamos com nenhuma solemnidade inherente a esse systema de governo e por isso somos dos que individualmente achamos ridiculo todo esse apparatus do casamento do principe. Mas assim como pela força das circunstancias somos obrigados a resignar-nos com a vontade do paiz que quer a monarchia, assim seriamos obrigados a resignar-nos sem violencia ou indignação com a gala nacional que nos impõem pelo facto d'um homem se casar, que antes reconheceriamos como successo secundario e de somenos importancia se com elle se não ligassem circunstancias de ordem superior e elevada. São essas circunstancias, que vamos precisar, circunstancias que tem calado sem duvida no animo de muitos que não soffrem do ardor politico que nós soffremos, que nos tornam repugnante o enlace de sua alteza real o principe D. Carlos com a sr.ª D. Maria Amelia d'Orleans.

Em primeiro lugar, é revoltante a expolição do governo para satisfazer as exigencias dos

que pela lei fundamental do paiz deveriam estar acima d'estas miserias da vida e d'estas chicanas politicas. O rei, a rainha, os principes, são funcionarios estipendiados pela nação, que lhes paga para que elles se desempenhem de certos encargos, como paga ao amanuense de qualquer repartição para copiar officios. Ora assim como o amanuense não pode recorrer ao Estado na sua pobreza para casar um filho, e lá faz o banquete como lhe é possível, assim o rei não podia nem devia na sua riqueza exigir dinheiro do povo para as bodas do seu primogenito. Sim, porque alem d'isso havia aqui uma circumstancia aggravante. Emquanto o amanuense recebe por si para sustentar a sua familia toda, o rei recebe por si, recebe pela mulher, recebe pelos filhos, o que colloca os dois funcionarios em circumstancias de desigualdade altamente odiosas, n'este tempo em que a propria constituição diz que a lei é igual para todos, odioso que cresce de ponto quando nos lembramos de que o rei alem dos seus vencimentos enormes, tem os enormissimos rendimentos da sua propriedade privada. Pois então a rainha tem dinheiro para as suas loucas despesas de luxo, o rei tem-n'o para comprar cavallos a torto e a direito, o principe tem-n'o para mandar vir trens do estrangeiro, e nenhum d'elles o tem para festas, por sua natureza recatadas, por sua natureza d'aquellas em que é vergonha pedir um prato fóra de casa? Sejam modestos; quem não pode arrear. Se lhe não chega o dinheiro para tanto, comprem menos vestidos e menos cavallos, que o mesmo fazemos nós todos, cidadãos, e se o não fazemos, se gastamos o que ganhámos em festas e luxos e pedimos dinheiro emprestado para comer, vae-se-nos o prestigio, vae-se-nos a força moral, vae-se-nos a consideração que reclamavamos do meio em que viviamos. Ora se nos acontece isso a nós, a nós simples, a nós mortaes, o que acontecerá aos deuses, aos immortaes, encarregados de velar pelo decore publico? Logo esse pedido de cem contos de reis ao paiz por parte de suas magestades e a annuencia por parte do partido progressista representou um vexame, que veio tirar ao casamento o respeito que elle merecia e trazer para a tela da discussão e violencia o que primeiro era successo natural nas instituições e acontecimento sagrado na familia.

Depois, dados os cem contos, que já de si era pessimo, o governo não tinha outra cousa a fazer senão illuminar as repartições publicas no dia do casamento, como as illumina no dia da outorga da carta constitucional e deixar as manifestações de regosijo ao povo, se o povo as quizesse fazer. Mas, apoz a expolição dos cem contos, gastar mais de mil em flores, em reparos de palacios e egrejas, em co-retos, em tribunas, em fogos, em paradas, no diabo que o carregue e o leve, quando ainda n'outro dia nos disse que precisava de

recorrer ao imposto para governar, é impulsionar essa corrente d'indignação que ahi vae e dar motivo de sobra á nossa violencia de linguagem ou estylo.

Esta é a primeira circumstancia, que nos leva a não receber serenamente o enlace do príncipe. A segunda, e tambem de subida importancia, é a conspiração descarada contra a Republica franceza.

Particularmente, cada um pode escrever ou fallar contra as instituições republicanas da França, como nós escrevemos e fallamos contra as instituições monarchicas de varios paizes. Porém officialmente o caso é outro. Sabe-se que a Republica franceza, se quizesse, tinha feito saltar ha muito a monarchia hespanhola. Mas não só se tem abtido cuidadosamente da propaganda internacional, como tem chegado a perseguir os proprios revolucionarios que se acolhem á sua bandeira, por espirito de respeito ao regimen estabelecido nos outros paizes. Corresponder a tamanha delicadeza e respeito com uma conspiração miseravel, porque o casamento do principe com uma filha dos Orleans que não traz nem o prestigio do throno, nem da fortuna, nem da belleza, não é outra cousa senão o elo mais poderoso d'essa cadeia de conspirações que a Europa monarchica estabeleceu em volta da Republica franceza, é d'uma infamia capaz de revoltar, como revolta, todas as consciencias honestas. N'este mesmo instante, em que a França republicana leva a delicadeza até nomear uma embaixada extraordinaria que a represente no enlace do príncipe com a filha dos seus inimigos, não cesam os jornaes officiaes do governo portuguez de exaltar noticias e applaudir as forças monarchicas do conde de Paris!

Esse casamento representa, pois, para nós uma miseria e um jugo por dois motivos:—primeiro pelos encargos pecuniarios que nos trouxe e as desigualdades odiosas que estabeleceu; segundo, pela torpe conspiração que affirma contra as instituições de um paiz, que tinha jus a esperar de todo o Portugal mais acatamento e respeito, e que nos merece a nós, republicanos em especial, o mais decidido affecto, como as suas instituições nos merecem o mais decidido apoio. E eis porque aborrecemos abertamente essa farçada que a esta hora se está sancionando em Lisboa.

O PROCESSO DA MONARCHIA

Custa duzentos réis, mas não vale dez. Percebeu-se já que é um livro do sr. Magalhães Lima! Faz o elogio dos amigos, corta á tesoura periodos das produções de varios escriptores, diz-nos quantos clubs republicanos existem, quantos jornaes republicanos ha, e reedita pela milhionessima vez as banalidades que tem escripto no *Seculo*. E chama áquillo o *processo da monarchia!*

Ora cebo. Chame-lhe antes um novo desastre para o partido republicano e para a sua reputação. Um novo desastre para o partido republicano, porque realmente partido que tem por chefes homens que escrevem a *Revolta* e o *Processo da monarchia*, perde cada vez mais a auctoridade moral para conquistar o governo. Um novo desastre para a reputação do sr. Magalhães Lima, porque realmente este sr. vae-nos convencendo de que possui a peor cousa que pôde possuir um escriptor:—falta de probidade litteraria ou scientifica. Quem não sabe escrever não escreve. Vir-nos com um nome pomposo, que indica originalidade, arrancar dois tostões para nos impingir elogios aos amigos, para nos dizer quantos jornaes republicanos ha, e para nos pespegar artigos, programmas e discursos já publicados é, além de feio e muito feio, duro e muito duro. Tome o nosso conselho, sr. Magalhães Lima:—não escreva livros. Deixe-se d'isso, que faz mal a si e aos outros.

COMO SE REQUER

O sr. José Elias Garcia declarou alto e bom som, em pleno club republicano Victor Hugo, em Lisboa, que os republicanos não deviam combater as festas do casamento do príncipe:—**Primeiro**, porque as festas levavam muitos lucros ao commercio da capital; **segundo**, porque o povo gosta de festas! O sr. Magalhães Lima commentou logo no livro—*O Processo da Monarchia*—, que acaba de publicar:

«Elias Garcia é dotado d'um caracter perseverante, tenaz, activo. Homem de talento, poucos o poderão egualar em *trabalho util e de verdadeiros resultados praticos*. (O italico é nosso). A *Democracia* ainda hoje existe, mercê da sua fé inquebrantavel e da sua *grandissima dedicacão*. Por isso, e porque já vão rareando, na actualidade, os *homens da sua tempera*, deixámos aqui consignado o testemunho da nossa consideração pelo *muito que já fez e que poderá ainda fazer em favor do credo republicano*.»

Dois chefes á altura da gravidade das circunstancias! Ou este paiz é todo de parvos, ou isso que ahi fica vale por quantas verdades temos escripto n'este jornal.

Carta de Lisboa

21 de maio.

O assumpto obrigado da semana é o casamento do príncipe. Não se falla, nem se trata d'outra cousa. Os jornaes retiraram o artigo de fundo tradicionalista, o artigo de chicana, de intriga, de maldicencia e sempre de banalidades, se não é d'asneiras,

para se curvarem desde a primeira linha até á ultima deante do regio sol que brilha. E, na verdade, nunca foram tão repugnantes! Se era isso que queriam, confessemos que obtiveram um exito completo, além de quanto poderiam desejar.

Ahi temos, por exemplo, uma amostra. E' do jornal as *Novidades*, quando se refere á chegada da princeza D. Amelia:

«Mocidade, formosura, distincção e gentileza de porte, e essa aureola prestigiosa com que a virtude corôa uma fronte feminina, tudo possui a princeza illustre, que o principe real portuguez elegeu para sua esposa e companheira. Por isso o paiz acolheu com tão sincero jubilo a noticia d'este consorcio, por isso as festas, que n'este momento se iniciam, tem o caracter espontaneo, geral e entusiastico, que lhes dá uma tão alta e eloquente significação. As festas da monarchia são festas da nação portugueza, porque povo e monarchia se acham identificados nas mesmas aspirações e ligados pelos mesmos affectos. Nas horas de amargura como nos momentos de alegria, os nossos reis nunca se esquecem do seu povo, nem o povo olvida os seus soberanos. Esta solidariedade, esta communhão de sentimentos e de designios, é que constitue a base verdadeiramente solida sobre que assenta o regimen monarchico no nosso paiz.»

Que acervo d'insultos, que sarcasmo tão pungente para a nação portugueza, para nós todos que a constituimos, no jornal de um conselheiro d'Estado, d'um ministro! *O povo e o monarcha acham-se identificados nas mesmas aspirações e ligados pelo mesmo affecto! Nas horas de amargura, os nossos reis nunca se esquecem do seu povo, nem o povo olvida o seu soberano! Esta solidariedade, esta communhão de sentimentos e de designios, é que constitue a base verdadeiramente solida sobre que assenta o regimen monarchico no nosso paiz!*

Mas o rei aspirou a converter isto n'um velhacouto de ladrões, que occultava no seu manto; os affectos do rei foram para os delapidadores da fazenda nacional, que subtrahiu por uma protecção escandalosa ás justicas do paiz. Mas nas horas de amargura o rei só se lembra de nós para nos *amargurar*, como nas horas de alegria só se lembra de nós para nos tratar como garotos! Horas de amargura nunca as tivemos senão por culpa d'elle; nas horas d'alegria mostrou de sobejo a sua solidariedade connosco nas festas nacionaes de Camões e de Pombal. Seja sabujo á vontade, sr. ministro das obras publicas, mas não insulte o povo. Não o equipare ao rei, de quem v. ex.ª disse tudo que ahi fica. Deixe-o em paz, que bem basta ao pobresito a expolição com que o tratam. Solidariedade e communhão de sentimentos e ideias, isto é que não. O povo é besta, is-

so é; mas sequer ao menos é amigo da sua terra, gosta da sua independência e da sua autonomia. Não escreveu cartas a Napoleão III sobre a constituição ou formação d'um imperio ibérico.

O *Diário Illustrado* era considerado um periodico sabujo, pelos seus salamaleques constantes á realza. Entretanto o *Diário Illustrado* foi sempre a mesma coisa, qualidade nobilissima em todos os individuos, sigam elles lá os principios que seguirem. O *Diário Illustrado* gosta e gostou sempre da realza. Qual será então o melhor qualificativo d'esse papel que se chama as *Novidades*, que desce ás maiores baixezas deante da realza, aos servilismos mais repugnantes, ás adulações mais descaradas, quando o homem que o dirige ainda hontem chamava ladrão ao rei? Não sei; vejo isto tão devasso e tão torpe que não encontro termo proprio para o classificar. É uma garotada completa.

Todavia, a recepção que Lisboa fez á princeza Amelia está muito áquem do servilismo granjola. Quer dizer, as *Novidades* alem de tudo ainda mentem, ainda procuram ludibriar o publico, como de resto o procuram ludibriar todos os papeis da monarchia, e os da granja como especialidade. Quem sabe, e toda a gente o sabe no paiz e na Europa, que Lisboa é profundamente republicana, sabe que nunca pôde haver aqui recepções affectuosas para principes. Salvo se tomam por affecto a nossa frieza de gelo. E talvez, porque deante de tantos insultos aos nossos principios e ás nossas crengas, a falta d'uma assobiada medonha a toda essa sucia realenga, assobiada que seria mais do que justificada, pôde-se tomar no fundo por uma demonstração de affecto.

Eu sei o que se passou, por que assisti a todos os actos officiaes da recepção. Mais uma vez tive de me revoltar no fêro intimo, mais uma vez vi augmentar a minha reserva d'indignação contra essa parte da sociedade que se arrasta por ahí n'um lodagal d'indignidades. Eu vi, porque me obrigaram a ver, senão não teria força para tanto apesar de me não considerar muito fraco, eu vi homens de posição elevada, de situação definida, alguns que nada devem a favoritismo, acotovelar-se, empurrar-se, atropellar-se, para ter a honra suprema de beijar a mão a sua magestade, em uma curvatura de macacos, n'um riso alvar de lacaios! Naquelle servilismo com que tiravam o chapéu a *quarenta passos* do rei, n'aquelle *pose* humilde com que esperavam a regia familia, adinhava-se mesmo que a maior honra para aquelles conselheiros, aquelles medicos, aquelles advogados, aquelles argentarios, seria a de guarda latrinas no Paço real! Se os fizessem guarda latrinas! Que felicidade, que felicidade! O dia da nomeação era o dia de maior ventura para aquella gente; adinhava-se-lhe no resto. Assim a aspiração suprema d'aquellas centenas de mulheres, da classe media porque não fallo nas aristocraticas que essas estão no seu campo e não me repugnam tanto porque a fallar a verdade tem outra distincção e outra superioridade, a aspiração suprema d'essas centenas de mulheres que eu vi chegar á estação dos caminhos de ferro, abandonando a sua missão caseira, missão grande sob tantos pontos de vista, para saborear ao menos o cheiro da princeza, seria verem-se elevadas a retretes de suas magestades e altezas femininas! Ai que se aquelles homens e aquellas mulheres podessem ver suas magestades a... espreguiçarem-se, dar-lhe o papelinho!!! Que honraria, que ventura, que prazer! Escravos. Sucia de lacaios. Pulbas d'ambos os sexos, que nem ao menos veem que querendo elevar-se não fazem senão descer, que

nem ao menos reparam que procurando subir, não fazem senão legarlar e rebaixar a especie. Eu já tinha o homem, ou a mulher, na conta da peior fera. Hoje vou-o tendo á conta do mais repellente animal. Mais repellente que um sapo!

De resto, nem a princeza tem nenhuma das distincções que apregoam, nem a recepção por parte do publico, demonstrou jubilo de qualidade alguma. A recepção foi de gelo: — chapéus na cabeça e ausencia de vivas. Perdão: — um velho que estava junto de mim adeantou-se para o coche real e erguen um viva aos noivos. Correspondeu-lhe a gargalhada de quatro populares. Foi um fiasco tremendo, que teve o merito de fazer rir um pelotão de soldados que estavam aborrecidos e cansados da medonha estopada que lhe deram. A distincção physica da princeza não é nenhuma. Não é feia; é um typo como ha muitos. Por isso não perde, apesar das *Novidades* dizerem que foi pela sua *mocidade*, pela sua *formosura*, pela sua *distincção e gentileza* de porte que o paiz *acolheu com tão sincero jubilo a noticia do consorcio* e as festas *são tão espontaneas, tão geraes e tão entusiasticas!* Que diabo! Só se o paiz lhe queria dar o Barjona para Veador! Mulheres que tão extraordinariamente se recomendem pela formosura não tem outro destino, nem outra missão!

Por isso não perde, repetimos. E acreditamos que seja muito honesta, muito digna, muito ciosa da sua honra de mulher. Não caluniámos ninguém, muito menos uma senhora. Mas isso só prova que pôde ser muito boa esposa e mãe. O que nunca prova é que possa com isso dar a felicidade, e engrandecimento e a prosperidade a uma nação, como affirmam os papeis da monarchia. Não; seja um bom chefe de familia. Até o desejamos. Mas estamos no nosso direito de a não aceitar para chefe da nação. Nem a ella, nem a nenhuma.

Já vae lenga esta carta, mas como estou tratando do grande acontecimento da semana, atrevo-me a continual-a fóra do costume.

Amanhã é a função do casamento, de pouco apparato para o Zé, que o não pôde presenciar á vontade. A grande função d'apparato, é a parada que se avizinha, em que os militares continuarão o papel de lacaios da corte. De lacaios, sim, porque a proxima revista militar não tem nenhum caracter nacional, como tem a de 14 de julho em França, por exemplo, no dia da festa nacional d'aquelle grande paiz. É uma festa pura da corte, em que as magestades nacionaes se orgulham de mostrar aos seus reaes hospedes os servos de que podem dispôr n'um dado momento! Nas festas nacionaes, como na de Pombal e Camões, afastam-se os soldados do povo, encerram-se violentamente nos quartéis. Na proxima terça-feira, em que então o povo se affasta do rei, sahirão as tropas á rua a ostentar o brilho dos seus capacetes, dos seus galões, da sua farda nova.

E para isso tem-se gasto um dinheirão, e para isso tem-se obrigado officiaes e soldados a um dispendio enorme! Os burguezes tambem obrigam os lacaios a usar farda brilhante e luvas de preço. Mas esses, sequer ao menos, dão-lhe a farda e dão-lhe as luvas. Os militares, mais desgraçados, compram farda e luva.

É singular, a situação do official portuguez no meio presente. É a sua espada que sustenta a *ordem*, que sustenta as instituições estabelecidas. E para quê? No fundo, o seu estado é simplesmente o estado proletario. N'este periodo de reivindicções, só elle se cala, por toleima, por ignorancia, por pedantismo muitas vezes. Seduzido por vãs apparencias, não reconhece que os

que o *elevam* n'um instante, que a realza que o chama ás suas recepções, só o *eleva* para se elevar a si. No fundo, todos esses da realza, todos esses da burguezia, todos esses da aristocracia o tratam com profundo desprezo. São *nobres pedintes!*

Vivem na miseria com os seus magros vencimentos, como vivem os operarios mal remunerados. Ena morte vem a tumba do hospital buscar-lhe o cadaver, e a bandeira da misericordica buscar-lhe a mulher. Mas é elle que sustenta estes regimens que o ludibriam e exploram, porque não olha para o mundo; olha só para a lista da calça! Contenta-se em ser do Paço. Não se considera funcionario da nação, funcionario reconhecido em todos os sistemas de governo como encarregado da educação militar do paiz, ou haja exercitos permanentes ou não haja, funcionario com direito aos meios de vida, á remuneração a que todos os outros teem direito, e que os outros ao menos reclamam. Por enquanto está no estado de *salsa*.

E assim como o burguez arrasta atraz de si o Zé ignorante, incutindo-lhe o terror dos principios avançados, assim o *salsa* militar se sente muito satisfeito em sustentar a ordem, para morrer de fome. Uma ordem que se aproveita das suas victimas para fazer victimas! Uma ordem, que enquanto enriquece apaniguados e abrigos, enquanto esbanja os dinheiros do paiz, lhe dá uma miseria como paga dos seus serviços e da sua dedicção. Que leve o diabo tal ordem.

—Os estudantes, e não já os de Coimbra como os de todo o paiz, não cessam de pedir o *perdão d'acto*. Como isto vae descendo! Ainda ha seis annos eu vi as escolas orgulhosas de si, da sua independência, da sua altivez no famoso centenario de Camões. Vi as proprias escolas militares, as que mais se deveriam conter pelo espirito rigido da disciplina, affirmar-se por actos brilhantes de dignidade, publicando nos jornaes cartas que ficaram notaveis, elaborando relatorios preciosos, abrindo conferencias de que resaltavam as affirmações mais ousadas de brio e valor. Vi escolas civis e militares, rivalizando de amor á democracia e á patria! O que ousasse então fallar em perdão d'acto, seria arremessado á rua. Reprovados, sim. Deshonrados, nunca.

Hoje é o que se vê; uma garotada sem brios que vae ás gares acclamar o principe para que o principe lhe poupe as rapozas que teem em prespectiva. Uma garotada sem vergonha, que nem sequer sabe já arrostar a desgraça. No meu tempo, que não vae longe, apontava-se com o dedo o que sabia cahir com coragem e não se olhava para traz. Hoje prefere-se ficar com uma carta enodada para sempre por um reles *perdão d'acto*. É a gangrena que lava.

—Onde está a colonia franceza que não apparece? Então o conde de Paris é tão popular na sua terra, e d'entre a numerosissima colonia franceza em Lisboa, não ha um só individuo que lhe preste homenagem? Então fallase de tanta festa, de tanto presente, e sendo as francezas tão amaveis nem uma das tantas que ha em Lisboa se lembrou ainda de dar um ramo de flôres á noiva? E os jornaes da monarchia calados como uns ratos! Sobre colonia franceza... nem pio. Que grande lição!

—Nas salvas do estylo no forte de Sacavem, ao passar na linha ferrea o comboio que conduzia os principes, ficaram dois soldados mortalmente feridos. Continuum, pois, as infelicidades do principe. E continuam as velhas a arranjar prophcias más, de tanta cousa!

Y.

Carta de Chaves

21 de maio.

Os regeneradores d'aqui andam escamadisimos contra os progressistas, que, na mesma moeda, lhes estão agora pagando certas *dividas*, de que aquelles se tornaram credores em tempos que não vão longe. É um gosto ver este *bansé* de comadres, que se accommettem e arranham impudica e mutuamente, e que afinal, no fundo, são uma e a mesma coisa, deixando-se arrastar pelos mesmos sentimentos, obedecendo á mesma ambição — o interesse proprio.

O que vale é que o publico honesto e serio caminha ávante, serena e distrahadamente, sem ao menos ter o mau gosto de dispensar-lhes um olhar de desprezo ou compaixão. E faz bem.

—Tenho sobre a minha mesa de trabalho os dois primeiros numeros do excellente hebdomadario *O Livre Pensamento*, que começa de publicar-se em Lisboa, e que desassombrada e valentemente desfralda a bandeira dos principios republicanos radicaes. No seu artigo de apresentação, lê-se: — «Não queremos Deus nem queremos rei: nem throno nem altar.» Muito bem. D'aqui envio a minha humilde mas cordeal saudação aos seus illustrados e bravos redactores, que oxalá não enfraqueçam na espinhosa mas benemerita missão, que se impozeram, de pugnar pela justiça e pela Liberdade dos povos. Avante!

A companhia dramatica dos srs. Silvas está actualmente dando algumas recitas no theatro d'esta villa.

É esperada tambem aqui a companhia equestre de madame Lécusson, agora trabalhando em Villa Real.

Ivo Telles.

Revista internacional

FRANÇA

No meio de tantas vicissitudes por que tem passado a Republica franceza, surge um facto eloquentissimo, por causa de cuja importancia o jornalismo monarchico passou por elle como gato por cima de brazas.

Referimo-nos ao emprestimo nacional, que foi coberto vinte vezes no paiz. Quer dizer que os francezes dão-se bem com as instituições e a prova é a confiança que n'ellas depositam offerecendo-lhes á porfia os seus capitães. Foi um verdadeiro *plebiscito monetario*.

—Accentua-se a ideia da expulsão dos principes na imprensa avançada, entre os quaes são contados os Orleans que se encontram hoje em Lisboa. Ao facto não é extranho o casamento da princeza Amelia. O alvitre da expulsão renova-se agora mais vigoroso, porque a alliança dos Braganças com a casa d'Orleans accendeu profunda animadversão em todos os republicanos sinceros e até se diz que entre os proprios legitimistas e napoleonicos.

Em Paris, e isto já nós o dissemos tambem, pensa-se que o enlace obdece a um trama ignobil contra a Republica franceza, e dá-se como certo que elle não se realisaria se não se previsse que os Orleans viriam a pezar nos destinos d'algun paiz.

Paris, que é o cerebro da grande republica, não perde um movimento dos conspiradores, e é possivel que sejamos nós o bode expiatorio das velleidades realistas. O conde de Paris, que já ha muito não passeiava as ruas d'aquella cidade, n'uma visita que fez ha poucos dias a um estabelecimento foi corrido a assobio pelos parisienses. Ora é significativa esta manifestação hostil.

E somos nós, os pygmeus, que ousamos arremessar a luva áquel-

la generosa nação, que leva a sua delicadeza, para confundir os Lombrates, a elevar a embaixada a sua legação em Lisboa, afim de se fazer representar na cerimonia do enlace!

Até o conde de Paris faz de nós um juguete das suas ambições!

Muito triste.

ALLEMANHA

Nem o arrojado chanceller dissimula a importancia do movimento socialista da Belgica.

A Allemanha tem no seio elementos vigorosos de dissolução monarchica. A sua forte organização militar neutralisa a energia dos socialistas. Não obstante, o sr. de Bismarck mostra-se inclinado a que o socialismo reclamando por toda a parte a satisfação das suas aspirações, não poupará a Allemanha.

Eram allemães quasi todos os estrangeiros presos nos tumultos da Belgica, averiguando-se que grande numero d'elles traziam os bolsos munidos de dinheiro allemão, e não era portanto a fome que os impellia para junto dos amotinados.

Bismarck pensará em mais alguma aventura?

Em pleno parlamento disse elle:

«O imperio allemão pôde ver-se exposto a perigos que não resultariam de causas interiores. Em diferentes paizes existe hoje um movimento socialista muito adiantado. Lembrem-se dos tempos da primeira revolução, quando os francezes deveram as suas victorias ao prestigio de uma nova idea, ao que significava a bandeira tricolor.

«E quem nos diz que com a bandeira vermelha não podem fazer ou intentar o mesmo quando menos se pense. Hoje, o exercito francez faz frente ao movimento obreiro de Deczeville; mas ainda não sabemos de quem será a victoria definitiva. Se esses movimentos se accentuarem na Europa e sobrevierem grandes convulsões, as consequencias tomarão um caracter internacional.

Não vejo perigo eminente, mas devo confessar, ainda que seja em detrimento da minha reputação diplomatica, que na primavera de 1870 não previa eu a guerra com a França, que estalou poucos mezes depois.»

NOTICIARIO

Da commissão da estatua de José Estevam recebemos o seguinte:

A commissão promotora do monumento a José Estevam faz publico que, tendo de fazer o primeiro pagamento da modelação da estatua, vae por isso mandar proceder á cobrança do resto da subscrição ainda em divida, sendo o sr. Manuel Simões Amaro Junior, d'esta cidade, o encarregado de fazer esta cobrança.

Aveiro, 16 de maio de 1886.

O presidente,

João da Maia Romão.

São muitas as pessoas d'esta cidade que aproveitam a modicidade dos comboyos para irem ver Lisboa e os festejos nupciaes.

Bem diz o impagavel Fontes: —o povo é como um limão...

Quando no domingo, cerca de uma hora da noite, o sr. José Maria d'Oliveira Vinagre sahia do theatro, encontrou junto á porta do seu estabelecimento um individuo, que prendeu ajudado por outras pessoas que tambem vinham do theatro.

É com certeza um gatuno, porque lhe foram encontrados objectos proprios para o escalamento e a porta contém vestigios d'essa tentativa. O meliante é ou finge-se mudo.

Já tinhamos escripto esta noticia quando na manhã de quinta feira se achou roubado o sr. Joaquim Ferreira Martins no seu estabelecimento, á rua Direita.

Aquelle sr. habita em casa separada do estabelecimento, e os larapios tiveram por isso ensejo favoravel para estar á vontade e sem receio de serem descobertos. Em dinheiro levaram 400 rs., que mais não havia lá. Fizeram, porém, mão baixa em roupa feita e fazendas, cujo valor a victima calcula em 70\$000 rs. aproximadamente.

A porta da loja foi aberta com chave falsa ou gazua, porque não apresenta signal algum de ter sido violentada.

O que não soffre duvida é que estamos a braços com uma quadrilha, e o que se nos affigura é que ella tem por guia elementos indigenas. Não é muito possível que homens extranhos á localidade saibam pizar com tanta confiança caminho que lhes devia ser desconhecido.

Olho vivo. Tenha cada cidadão a contar só com a sua vigilancia.

Na quarta-feira, ao ser conduzida ao hospital uma infeliz, de Vizeu, que por ali errava ha dias, tentou lançar-se á agua, da ponte da Dobadoira. Poderam segurá-la a tempo de não se precipitar, evitando talvez um suicidio.

Dizem-nos que a infeliz se havia evadido d'aquelle estabelecimento, sendo encontrada proximo do matadouro.

Ha no Bairro Novo um logradouro publico que em pouco será propriedade d'um individuo que mora no local se a camara ou quem diabo é, lhe não enfrêa a vontade de se apossar com tal descaro do terreno commuin.

Consta-nos que já d'uma vez lhe fôra intimada ordem de passar á rectaguarda, mas o que se vê é que a *creança* não fez caso. Para alargar a sua propriedade destruiu um muro e d'aqui a pouco chamará sua á fonte dos Amores. O encanamento da agua encontra-se já debaixo da terra.

O sugeito é reincidente n'estas gentilezas. Pois era-lhe bem applicada uma lição.

A cidade anda enfestada de vadios que por ali se acoitam seguros da falta de vigilancia official.

A auctoridade tem feito por os rarear; mas ainda se encontram alguns por ali em espeluncas e logares duvidosos. Dizem-se quasi todos artistas de profissão honesta, pedem com desembaraço suspeito, e respondem com insolencia se não lhes dão esmola. Cautela, pois, com esses furafeitos.

O partido legitimista de Lisboa fez convites aos seus correligionarios da provincia para se fazerem representar n'aquella cidade por occasião das bodas de nupcias realengas, onde devem realizar um banquete como protesto contra as festas do sr. D. Luiz.

A alguns correligionarios de Aveiro foi dirigido convite n'esse sentido, mas como se lhes estipulava *quota d'entrada*, parece que não deram á orelha.

Uniu-se pelos laços do matrimonio, na egreja de Valmaior, o nosso presado amigo o sr. Antonio Aureliano Narciso da Silva, digno empregado nas minas do Braçal, com uma sympathica menina, sobrinha do fallecido dr. João Evangelista d'Araujo e Mello, do Pinheiro da Bemposta. Aos noivos desejamo-lhes uma prolongada lua de mel.

Em Eixo ha importantes vinhedos. O sr. Manuel Gonçalves de Figueiredo e outros proprietarios tem ultimamente feito importantes plantações de bacello, que correm risco de ser contiguadas.

Antes que o parasita se alastre, urge providenciar com energia.

A camara municipal d'Estarreja fez publicar em folha avulsa o relatorio das contas da vereação transacta, e encontrou um deficit de 3:522\$428 réis.

E acrescenta que não tendo meios para pagar os encargos legados pela camara anterior, opta por varios alvitres, incluindo o de obrigar aos vogaes da camara transacta a reporem ao cofre a quantia, que desviaram, sem a devida auctorisação. em que pelo tribunal superior devem ser condemnados.

Os pequenos do sr. Luiz de Bragança são levados de todos os diabos. O Affonso não pôde ver o Carlos e este, com a sobrianceira de futuro monarcha, pretende submeter a arrogancia do mano. E d'aqui andam sempre arrufados um com o outro, o diabo dos rapazes. Se até o mais novo já chegou a ameaçar o mais velho de lhe fazer concorrência quando este fosse rei de Portugal!...

Agora parece que se pegaram outra vez, segundo refere a *Folha do Povo*, na seguinte noticia, que embora extemporanea, não deixa de ter graça:

«O noivo parte para a Pampilhosa á espera da sua futura.

Mas o joven, que tambem sofre nevroses... hereditarias, quiz levar o mano como caudatario.

O sr. alferes, porém, é que não esteve pelos ajustes; bateu o pé, que não ia, que não era creado do mano, que não estava para estopadas, e venceu, porque não foi; mas a coisa esteve um tanto feia, e por pouco que o teimoso não apanhou um real puxão de orelhas.

Teve razão o sr. alferes em não querer ir á Pampilhosa. Perderia os seus passeios quotidianos pela calçada do Marquez de Abrantes, onde certos olhos matadores brilham de entusiasmo ao verem o garbo com que a alteza, de farda e capacete, guia os cavallos do seu carrinho!

Porque o filho mais novo de suas magestades não tem lá em grande conta a disciplina militar.»

Os rapazes são o diabol!...

Consta ao *Economista* que o D. Carlos Simão de Bragança alugou o *chalet* do conde de Penha Longa, em Cascaes, e que resolveu, logo que terminem as festas do casamento, ir para Cintra, onde se demorará até começar a estação dos banhos do mar, indo então para Cascaes até novembro, e d'ahi partirá para Villa Viçosa para se entregar aos exercicios venatorios, não regressando a Lisboa senão nos fins de dezembro ou principio de janeiro.

E' a continuação do edyllio que nos custou tantos contos de rs., enquanto a fome e a miseria se alastam em larga escala pelo paiz! E' a continuação do tripudio sobre a pobreza nacional!

E' aproveitar da lethargia do leão, patifes!

Dizem ter fallecido de febre amarella no Panamá, onde dirigia os trabalhos d'abertura do canal, o celebre constructor francez de caminhos de ferro mr. Dauterny. Principiou a sua carreira no côrte do isthmo de Suez em companhia do illustre Lesseps, como barneiro (broqueador).

Mais tarde tomou grandes empreitadas na Hespanha, na Turquia e em Portugal.

Actualmente ainda tinha em obras o caminho de ferro de Tor-

res—Figueira e o porto de Leixões.

Reputam a sua fortuna em nove mil contos. Não sabia ler nem escrever.

Segundo a respectiva estatistica, a importancia do vinho exportado pela barra do Porto, foi no anno findo de 6.005.616\$500 réis.

Os paizes importadores foram: Allemanha, Belgica, Brazil, Confederação Argentina, Dinamarca, Egypto, Estados Unidos, França, Hespanha, Hollanda, Inglaterra, Italia, Marrocos, outros paizes d'America, possessões portuguezas da Africa, Russia, Suecia e Noroega.

Foi ordenado pelo ministerio da fazenda, que as licenças dos empregados só comecem a ter effeito depois de haverem sido pagos os respectivos emolumentos.

A commissão central antiphyloxérica do sul do reino escolheu a villa de Torres Vedras para sede das suas proximas sessões, que principiarão em 26 de julho futuro.

Opportunamente será publico o programma das sessões da commissão consultiva, e ficam desde já convidados os constructores do paiz e os importadores para fazerem uma exposição de todos os instrumentos usados em viticultura: charruas, grades, injectores, enxertadores, barris para sulfureto, etc. Haverá menções honorificas maiores ou menores, e quem quizer entrar na exposição ha de inscrever-se até 30 de junho na secretaria da commissão, enviando depois os objectos ao presidente da camara d'aquelle concelho.

Haverá tambem um concurso para propriedades vitícolas, cultivadas e dirigidas pelos melhores praticos, melhor defendidas contra o phylloxera pelos processos insecticidas e vinhas americanas, etc. Os proprietarios que quizerem inscrever-se para este concurso fal-o-hão até 10 de junho.

E' esperado brevemente no Fayal uma fragata que traz a bordo o neto do imperador do Brazil, que vem aos Açores em viagem de recreio, diz um periodico d'aquella ilha.

Determinou-se superiormente que as alfandegas do continente do reino, inspectores e chefes de districto da guarda fiscal, por meio de editaes affixados nos logares mais publicos, convidem as fabricas de tecidos, situadas nas suas circumscripções, a que entreguem nas sedes das mesmas alfandegas, delegações ou postos fiscaes, que lhes forem mais proximos, alguns exemplares (pelo menos trinta) das marcas ou signaes de que se servirem para distinguir os productos da sua industria, taes como emblemas, cunhos, sellos, sinetes, tarjas, desenhos, letras ou divisas; e bem assim amostras dos proprios tecidos em toda a largura das peças e de comprimento não inferior a 15 centímetros. Estes exemplares deverão ser remettidos pelas auctoridades mencionadas á administração geral das alfandegas, a fim de por esta se distribuirem conforme as conveniencias do serviço.

Tem por fim esta providencia facilitar aos empregados aduaneiros e agentes fiscaes o conhecimento das marcas de fabrica ou de commercio de taes objectos, para que o fisco, em caso de fraude, melhor possa proceder.

O governo vae exigir o encarte a todos os empregados do estado, sob pena de demissão.

«A proposito da discussão que se abriu no senado francez sobre o ensino primario, o sr. Goblet,

ministro da instrucção publica, combtendo os processos de que se servia a maioria do clero doente para fanatizar as creanças, referiu-se aos milagres de Lourdes e Salette. Como não é difficil comprehender, a imprensa reaccionaria atirou-se ao ministro, sustentando a authenticidade dos ditos milagres. Uma polemica violenta generalizou-se no jornalismo sobre este assumpto, e da qual resultou ficar o publico na sciencia e consciencia do seguinte facto assaz significativo:

«Ha cerca de uns doze annos conversava-se em casa de um dos mais respeitaveis magistrados de Rouen... sobre milagres. Como é muito natural, as damas lastimavam que, de dia para dia, as manifestações divinas se fossem tornando cada vez mais raras; e, por extensão fallaram sobre Lourdes e Salette. —Salette?... é uma abominavel mystificação, exclamou uma voz. Era o cardeal Bonnehose que assim se exprimia e que continuou no mesmo tom, affirmando no meio da admiração geral:—Sim! eu tambem lá fui e só encontrei os traços da mais refinada especulação. Um dos assistentes secundou a opinião do cardeal, asseverando que o proprio clero do Isère não acreditava nas virtudes de Salette, tanto que prohibiu aos seus compatriotas de lá irem. O cardeal referindo-se, porém, a Lourdes restringiu o radicalismo de suas opiniões sobre milagres. Neste instante, um dos mais elevados magistrados dos tribunales de Rouen, assaz conhecido pelos seus sinceros sentimentos religiosos, dirigindo-se ao cardeal, disse:—Tenho bastante pezar em não poder compartilhar a vossa convicção, por isso que, sendo substituto em Lourdes, fui sollicitado pelo vigario de Tarbes a usar das minhas attribuições contra os individuos que se davam como testemunhas de aparições sagradas n'aquelle lugar. Abri inquirito e uma d'ellas era uma creada Bernardette que, pouco antes, eu havia despedido do meu serviço por ser muito immunda e nada intelligente.»

Vae estabelecer-se um grande collegio jesuitico na Covilhã. A semente lançada pelos Grainhas fructifica, pois, n'aquelle bom torrão.

Recommendamol-o aos chefes de familia.

O sr. Antonio Malheiro Pereira de Castro, de Vianna do Castello, teve a paciencia de educar dois bonitos touros para tiro de carruagem.

Os dois animaes obedecem prontamente ao mais leve toque do condutor. Voltam para a direita ou para a esquerda com muita facilidade, trotam e galopam como cavallos, e podem fazer-se deter rapidamente na carreira, diz uma folha d'aquella cidade.

Estão a concurso as seguintes cadeiras d'ensino primario:

—Perante a camara de Oeiras, acha-se aberto concurso para o provimento da cadeira de ensino elementar do sexo feminino, no logar de Barcarena, com o ordenado annual de 120\$000 reis e as gratificações legais.

—Idem elementar do sexo feminino da freguezia de Valbelhas, concelho da Guarda; 100\$000 reis.

—Idem, na freguezia de Moncarapacho, concelho de Olhão (não marca ordenado).

Já foi publicado pelo governo francez o decreto pondo o projecto da exposição de 1889 a concurso.

Este concurso de disposições geraes tem por fim provocar a manifestação de ideias de conjunto e de facilitar a comparação d'umas com outras, a fim de se conhecer qual o melhor partido a seguir.

O decreto que fixa as condições do concurso determina da

seguinte maneira a repartição da superficie de 291:000 metros que ha de ter a exposição:

32:000 metros para bellas-artes.

6:000 para as colonias.

90:000 para a installação das machinas.

118:000 para os diversos grupos.

Em volta das edificações destinadas ás colonias ficará um espaço descoberto de 70:000 metros para installação de kiosques, tendas e pavilhões particulares.

O jornal *Ceu e Terra*, publicado em Paris, encerra alguns esclarecimentos a respeito do celebre eclipse denominado de—Colombo.

Na sua quarta viagem, o notavel argonauta quando chegou á Jamaica, parece que encontrou uma certa hostilidade da parte dos indios, os quaes se recusaram a fornecer-lhe viveres.

N'esta terrivel conjunctura, Colombo ameaçou-os de que lhes roubaria, n'essa noite, a luz da lua se persistissem em negar-lhes os mantimentos.

Effectivamente n'essa noite, passadas poucas horas, eclipsava-se o esplendor do astro da noite, circumstancia que causou profunda impressão n'aquella gente e adquiriu a Colombo um enorme prestigio.

Da veracidade do facto não pôde existir duvida: refere-se ao eclipse total da lua, visivel nas Antilhas, na noite de 29 de fevereiro de 1504, e na Jamaica minutos depois das sete horas.

As pessoas que remetterem 3\$850 réis com mandado postal á casa de M. Rundbakin, de Vienna, receberão um magnifico serviço de meza de prata afinide de 42 peças. É uma magnifica occasião para as donas de casa obterem bons objectos de meza por pouco dinheiro.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

O nosso amigo sr. Augusto d'Oliveira estabeleceu no Porto, na rua de Godofeita, 210, 1.º andar uma

AGENCIA CENTRAL

na qual aprontam papeis para casamentos, passaportes e passagens. Fazem-se memoriaes e requerimentos para todas as repartições publicas do reino; sollicitam-se documentos das mesmas; legalisação e expediente de cartas rogatorias para paizes estrangeiros, bem como o respectivo andamento quando regressem cumpridas; promovem-se averbamentos de quaesquer titulos de credito; encartes de empregos publicos ou officios e registos nas conservatorias. Tratam-se negocios em todos os tribunales; recursos do recrutamento; despachos na alfandega e caminho de ferro. Encarregam-se de traducções do hespanhol, francez e inglez, cobrança de dividas, fôros e pensões, publicações d'annuncios, compras, vendas, pagamento de contribuições, e finalmente de qualquer negocio concernente a agencias d'esta ordem. Tudo por preços modicos com a maxima actividade.

A agencia resolveu igualmente encargar-se de PERGUNTAS e RESPOSTAS.

Se algum individuo desejar orientar-se sobre negocio ou pessao no Porto, será satisfeito promptamente, mediante a retribuição de 500 reis, sendo a resposta dada pelo correio, ou 700 reis, sendo pelo telegrapho.

Estas quantias deverão acompanhar a pergunta, em sellos ou estampilhas do correio.

BIBLIOGRAPHIA

A Lyra do Trabalho.—Recebemos já ha dias um volume de versos com aquelle titulo que nos foi offerecido pelo seu auctor o sr. Adelino Veiga, um modesto artista de Coimbra, que ao passo que se destaca da classe por fórma tão sympathica, a honra sobremaneira, adquirindo para si e para ella os fôros da illustração com que se ha de impôr no futuro, para reivindicar a justiça pratica das suas aspirações.

Está ali um exemplo de quanto pôde a vontade, que deveria servir de incentivo à grandissima maioria dos nossos artistas.

Se Adelino Veiga não aspira a um lugar no pantheon dos litteratos, mostra ao menos que deseja erguer-se acima do vulgar, erguendo ao mesmo tempo o nivel intellectual da classe, cujo é membro dignissimo.

Fallaremos em outra occasião do merito litterario do livro, como se nol-o affigurar á nossa incompetencia. Hoje só nos resta saudar Adelino Veiga e agradecer-lhe a sua delicada offerta.

Recebemos o n.º 2 do Boletim de Ampeleographia e Enologia, publicado sob a direcção da commissão de ampeleographia da circumscripção do norte de Portugal.

Agradecemos.

O Sargento-mór de Villar. Recebemos o 10.º fasciculo d'este romance, de Arnaldo Gama, editado pelo sr. Eduardo da Costa Santos.

Todos os pedidos ao editor, rua de Santo Ildefonso, n.ºs 4 e 6—Porto.

Republicas.—Sahiu o n.º 70 (8.º da 3.ª serie).

Toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Barros, rua Nova do Carmo, 90, 1.º—Lisboa.

O Pastelleiro de Madrigal.—Recebemos o fasciculo n.º 27. E' editora a Empreza Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

Os milhões do criminoso. Recebemos o fasciculo 23 d'este esplendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

O resumo do entrecho da presente caderneta é o seguinte:

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa.

A Illustração Portuguesa.—Recebemos o n.º 43 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

Publicações litterarias

BIBLIOTHECA DO CURA DA ALDEIA

211—RUA DO ALMADA—217

PORTO

OS PREDESTINADOS

POU
HENRIQUE PEREZ ESCRICH

Preço de cada volume 500 réis. Para os srs. assignantes 450 réis. Está no prelo, e já muito adiantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adiantado.

Ainda se recebem assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 211 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.

ARNALDO GAMA

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

(2.ª edição illustrada)

O incançavel editor portuense, Eduardo da Costa Santos, já tem muito adiantada a publicação do «SARGENTO-MÓR DE VILLAR» (2.ª edição illustrada.)

A obra constará de dous volumes in 8.º, e será illustrada com doze gravuras. No Porto, será distribuida em cadernetas de 64 paginas e uma gravura, pelo preço de 100 réis cada caderneta, pagos no acto da entrega. Não excederá a 12 cadernetas, que serão distribuidas quinzenalmente.

Para as provincias só se aceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de CINCO FASCICULOS, excluindo as despesas de porte do correio, que serão pagas á custa da casa editora.

Concluida a publicação da obra, a casa editora distribuirá por todos os srs. assignantes uma esplendida gravura executada expressamente na Alemanha.

Assigna-se na Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, Editor, Rua de Santo Ildefonso—4 e 6—PORTO.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ESBOÇO DE CRITICA

OTHELLO

O MOURO DE VENEZA

DE

WILLIAM SHAKESPEARE

Tragedia em 5 actos, traduzida para portuguez por

D. Luiz de Bragança

A' venda na Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto. Preço, 300 réis; pelo correio, 320.

NOVIDADE LITTERARIA

GUERRAJUN QUEIRO

A VELHICE DO PADRE ETERNO

Um bello volume em papel cartonado custa 18000 réis.

Pelo correio, registado, 18120 réis.

Pedidos aos editores

ALVARIM PIMENTA & LEITÃO

Rua de Santo Ildefonso, 394—Porto

VICTOR HUGO

OS MISERA VEIS

Esplendida edição portuense, illustrada com 500 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanais de 32 paginas ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

OS

MILHÕES DO CRIMINOSO

Os «MILHÕES DO CRIMINOSO» são a ultima e a mais interessante obra de Xavier de Montépin, auctor dos romances: «O Fiacre n.º 13, Mysterios de uma herança, Crimes de uma associação secreta» e «As mulheres de Bronze.»

1.ª parte—O Incendiario.

2.ª parte—O grande industrial

3.ª parte—A luz da verdade.

Edição ornada com primorosas gravuras e com chromos a finissimas cores, dos quaes o primeiro é o retrato de Montépin.

Cada chromo 10 réis—50 réis semanais.

Brindes a cada assignante: 1000000 réis em 3 premios pela loteria e um magnifico album das principaes vistas de Belem no fim da obra.

Assigna-se na empreza editora Belem & C.ª, rua na Cruz de Pau, 26, 1.º Lisboa.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

ANNUNCIOS

PROPRIEDADE

Vende-se uma na Fonte Nova, onde se acha estabelecida a fabrica de louça. Para informações falle-se com Francisco Paes.

AO PUBLICO

MANUEL SIMÕES AMARO JUNIOR participa que não se responsabilisa por quaesquer dividas contrahidas por sua filha

Contra a debilidadade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidadade. Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na farmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884. DEPOSITO em Aveiro, farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

GENEبرا—MOREIRA & C.ª

CHAMAMOS a attenção de todos os srs. consummadores para estas qualidades de genebra. E' a mais barata, a mais estomacal e a melhor até hoje conhecida.

Tem acolhimento geral em todo o paiz, e foi premiada na ultima exposiçõ de Lisboa.

Deposito: Todos os estabelecimentos de mercearia e muitos outros no Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) Mor.ª & C.ª, e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispopsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumoção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellent «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toaste», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafeição, os envoltorios das das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

VIENNA (AUSTRIA)

QUASI DE GRAÇA!!!

42 PECAS formando um formoso serviço de me mesa por 3850 réis!! Por motivo de liquidação, é posta á venda, com o abatimento de 75 p. c., grande quantidade de prata Alfinide (Argenterie Alfinide).

Por 3850 réis apenas representando sómente metade da mão d'obra, do que antes se vendia por 60 francos, enviaremos o seguinte serviço de mesa, de prata Alfinide, muito fino e duradouro:

- 6 formosas facas de mesa
- 6 garfos
- 6 colheres de sopa
- 6 bonitas colheres de chá
- 1 grande colher de terrina
- 1 grande colher de legumes
- 3 formosas oveiras massiças
- 2 chicaras para sobremesa
- 1 pimenteiro e assucareiro
- 1 formoso coador para chá
- 3 magnificos assucareiros
- 6 formosos apoios para facas

42 peças BRANCURA GARANTIDA POR 10 ANNOS

Para receber os 42 objectos, formando um serviço completo de mesa, FRANCO, NO DOMICILIO em 9 ou 10 dias, dirigir ao Depósito geral das fabricas unidas de prata Alfinide, a M. RUNDKAKIN, II Hedwiggasse, 4, Vienna (Austria); remetendo adiantadamente 3850 réis por meio de ordem particular ou postal.

Devolve-se o dinheiro, caso a mercadoria não convenha, tendo n'este caso o destinatario de satisfazer despezas de cerca de 350 rs.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A' venda nas principaes farmacias do reino. Em Aveiro, farmacia Moura; emphavo, João C. Gomes. Depósito geral, Ipharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitais. Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na farmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, o nome em pequenos circulos amarelos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM OFFICINA DE SERRALHERIA

EM AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 réis semanais, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 40 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"

AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 9—7

(Pegado á Caixa Economica)

HISTORIA

DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha e dos homens mais notaveis do seculo XIX.

GRANDE EDIÇÃO PATRIOTICA

Valiosos BRINDES a cada assignante, consistindo em 4 magnificos QUADROS compostos e executados por professores distinctos de Bellas Artes.

Os BRINDES distribuidos a cada assignante vender-se-hão avulsos por 50 mil réis.

A obra publica-se aos fasciculos, sendo um por mez. Cada fasciculo, grande formato, com 64 paginas custa apenas 240 réis sem mais despeza alguma.

No Imperio do Brasil cada fasciculo 800 réis francos. A obra é illustrada com notaveis retratos em numero superior a 40.

Esta collecção de retratos, rarissima, vende-se hoje, quando apparece, por 12 e 15 libras.

A obra completa, que comprehende 4 volumes grandes não ficará ao assignante por mais de 100000 réis fortes.

O primeiro fasciculo sahirá em abril proximo. Está aberta a assignatura para esta notavel edição na

LIVRARIA PORTUENSE DE LOPES & C.ª—EDITORES

RUA DO ALMADA, 123—PORTO

Recbem-se propostas para correspondentes em todo o paiz e no estrangeiro.